

JAN STOCKLISSA

O

HOMEM

QUE

BRINCAVA

COM FOGO

Tradução de
Fernanda Sarmatz Åkesson

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2020



VERUS
EDITORA

Editora

Raïssa Castro

Coordenadora editorial

Ana Paula Gomes

Copidesque

Maria Lúcia A. Maier

Revisão

Raquel Tersi

Diagramação

Beatriz Carvalho

Júlia Moreira

Título original*Stieg Larssons Arkiv*

ISBN: 978-85-7686-814-9

Copyright © Jan Stocklassa, 2018

Publicado originalmente por Bokfabriken, Suécia.

Edição publicada mediante acordo com Nordin Agency AB, Suécia e Vikings of Brazil Agência Literária e de Tradução Ltda., São Paulo, Brasil.

Tradução © Verus Editora, 2021

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753
Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

S88h

Stocklassa, Jan, 1965-

O homem que brincava com fogo [recurso eletrônico] / Jan Stocklassa;
[tradução Fernanda Åkesson]. – 1. ed. – Campinas [SP]: Verus, 2021.
recurso digital

Tradução de: Stieg Larssons Arkiv

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-7686-860-6 9 (recurso eletrônico)

1. Homicídio – Investigação. 2. Primeiros ministros – Suécia – Morte. 3.
Larsson, Stieg, 1954-2004 – Correspondência. 4. Palme, Olof, 1927-1986 -

Assassinato. 5. Livros eletrônicos. I. Åkesson, Fernanda. II. Título.

21-68486

CDD: 839.7

CDU: 82-311.6(485)

Camila Donis Hartmann – Bibliotecária – CRB-7/6472

Revisado conforme o novo acordo ortográfico.

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

sac@record.com.br

Para Berra e Marianne, onde vocês estiverem!

Fico com medo na Suécia. Você sabe... é deserto, todos estão bêbados. Tudo funciona. Se você parar no sinal vermelho e não desligar o motor, virá alguém lhe dizer para fazê-lo. No armário de primeiros socorros há um aviso: "Em caso de suicídio, telefone para..." Você liga a televisão e estão mostrando uma cirurgia de ouvido. Coisas assim me assustam.

LOU REED, no filme *Sem fôlego*

SUMARIO

Introdução

Prefácio

PARTE 1 | Stieg

O dia do assassinato

O ódio

O mapa do assassinato

Sherlock Holmér

Victor

O protesto do promotor

Severin

Mergulhando no arquivo

Status quo

Depois de Chernobyl

Alfa-Hans

As pistas de Stieg #1

À espera de algo bom

O protocolo

Servering

Holmér ataca novamente

Não, não, sim

Missão Olof Palme

1987

As estrelas mostram o caminho

Avisos e alertas

O hater de Palme
O intermediário
Entre isso e aquilo?
Mistério Wedin
Gerry
A extrema-direita
Operação Apendicite
O Grande Prêmio de Jornalismo
Hans II
Ebbe mostra a cara
Dúvidas
O perfil do suspeito
O assassino adequado
O homicida
Troféu
Tantos anos, apenas uma acusação
África do Sul, 1996
Policiais na África
A última chance
A luta mais importante de Stieg
Eva
Uma nova carreira
Sete andares
Stieg está morto

PARTE 2 | No rastro de Stieg

Rorschach
Sintaxe espacial

O anti-Palme
As crianças mortas #1
As crianças mortas #2
Viúva duas vezes
O bibliotecário
A análise
Lisbeth #1
Anna-Lena
Lisbeth #2
Ao arquivo
OCR
Moscow mule
GT
Com o intermediário
O intermediário – primeiro dia
O intermediário – segundo dia
O intermediário – terceiro dia
A entrega
Mísseis que não retornam mais
The New Yorker
O retrato falado
Um estudo de assassinato
As crianças mortas #3
Atravessando o rubicão
O coração das trevas
A peruca
A versão italiana
Patsy

O Estado nas sombras

Cui bono?

Interrogado

Quem salvou a Suécia

A decisão

Jakob e Lída

Jakob – primeiro dia

Jakob – segundo dia

O túmulo

De volta ao local do crime

Lost

Aliá

“M”

Revólver

Epílogo

Posfácio

Obrigado!

Galeria de personagens

Introdução

As coisas costumavam ser tão simples. Plutão era um planeta. O leite era saudável. O diesel, mais limpo que a gasolina. Se uma pessoa fosse nadar logo após a refeição, poderia ter câibras e se afogar. O assassinato do primeiro-ministro da Suécia, Olof Palme, nunca seria solucionado... Mas velhas verdades sempre serão questionadas, e agora está na hora mais uma vez. A nova verdade diz: "O assassinato de Olof Palme será solucionado".

Para mim tudo começou em 2008 com algo considerado tipicamente sueco, se levarmos em consideração todos os romances policiais do país. O corpo massacrado de uma mulher junto a um lago em Småland foi o que me deu a ideia de escrever um livro sobre locais de assassinatos. Um ano mais tarde descobriu-se que a causa da morte também fora tipicamente sueca. A polícia encontrara novos indícios técnicos de que o culpado havia sido um alce, mas àquela altura eu já havia abandonado a minha ideia original e estava mergulhado na aventura que geraria este livro.

Passados cinco anos, eu encontrara o arquivo esquecido de Stieg Larsson e penetrara em um mundo cheio de personagens e acontecimentos que pareciam saídos dos próprios romances de Stieg. Os personagens eram tão

extremos como Lisbeth Salander e Alexander Zalachenko, com a diferença de que eram reais. Havia assassinos e vítimas, espiões que trabalhavam para outros espiões, mulheres e crianças assassinadas, computadores hackeados, gravações secretas, operações confidenciais e mortes. Uma grande quantidade de mortes cruéis e repentinas.

Os três livros de Stieg Larsson venderam mais de oitenta milhões de exemplares no mundo, mas a ocupação principal do autor não era escrever romances policiais; ele dedicou toda sua vida adulta ao combate à extrema-direita. Desde o início dos anos 90, Stieg vinha advertindo sobre o recém-fundado Partido dos Democratas Suecos, o mesmo que redesenhou o mapa político na Suécia e que, vinte e cinco anos mais tarde, se tornou o terceiro maior partido político do país.

O segundo grande projeto de Stieg era pesquisar sobre o assassinato de Palme. A maior parte de seu arquivo trata da extrema-direita e, a certa altura, se desvia para a pesquisa sobre a morte de Palme, incluindo teorias concretas sobre o caso e pistas dirigidas para a polícia.

Desenvolvi um trabalho sobre as ideias e as teorias de Stieg, investigando mais profundamente e adicionando peças ao quebra-cabeça. O resultado disso explica não somente a série de acontecimentos bizarros que envolvem o crime, mas esclarece o motivo por trás dele. Creio que tenho uma boa ideia do que aconteceu antes do crime, durante a noite do assassinato, em 28 de fevereiro de 1986,

e quem eram as pessoas que estavam no local. Uma possível solução é apresentada, e você poderá formar sua opinião com base nos fatos e conclusões.

O que você tem em mãos é um romance documental, escrito como um relato emocionante, mas meu objetivo é que tudo seja verídico. Mais ou menos trinta páginas originam-se dos textos de Stieg, baseadas em cartas e relatórios escritos por ele. Muitos dos diálogos foram transcritos literalmente, ao passo que outros foram adaptados partindo dos documentos no arquivo de Stieg e nas mais de cem entrevistas realizadas. No posfácio escrevo mais sobre o material originário e como eu trabalhei com ele. Se você quiser se aprofundar nos detalhes sobre o assassinato de Palme, recomendo o relatório de mais de mil páginas feito pela Comissão de Investigação e os livros de Gunnar Wall ou Lars Borgnäs, dois dos principais especialistas suecos sobre o assassinato de Palme, mas há uma quantidade infinita de material a ser estudado. Um aviso apenas: Cuidado! O assassinato de Palme é um vírus maligno que já contagiou muitas pessoas. É uma certa ironia que justamente a Suécia tenha sido afetada pelo assassinato sem solução de um chefe de Estado, pois um lugar onde tudo pode ser planejado e explicado acabou ficando com uma ferida aberta, e nenhuma verdade sobre o caso parece permanente, mas isso está prestes a mudar.

O assassinato de Palme será solucionado. Segundo Krister Petersson, o novo promotor de justiça na investigação do caso, o tiro que matou Olof Palme não foi

disparado pelo dependente químico Christer Pettersson. Acho que ele tem razão; também estou convencido de que a pesquisa de Stieg Larsson contribuirá para solucionar o assassinato, assim como as informações que constam neste livro.

Enquanto você faz sua leitura, a polícia terá acesso ao meu material e à possibilidade de encontrar provas convincentes que levarão no mínimo uma pessoa à justiça. Dentro de um ou dois anos, espero que tenhamos chegado à verdade e que o assassinato de Palme esteja enfim solucionado.

JAN STOCKLISSA, *setembro de 2018*

Prefácio

ESTOCOLMO,
20 DE MARÇO DE 2013

Os limpadores de para-brisa lutavam contra a neve pesada. Ainda não tinham se passado nem quinze minutos desde que eu estacionara o carro, mas a tempestade de neve já havia feito o meu Volvo vinho desaparecer sob suas espessas camadas. O som do lado de fora do carro ficara abafado e a visão da neve rodopiando no ar me desorientava, apesar de eu saber que estava no estacionamento em frente ao prédio metálico de depósitos para alugar.

Um leve ruído de motor me fez passar a mão no vidro da janela, desembaçando-a e fazendo com que um fio de água escorresse pelo meu pulso e para dentro da manga do casaco. Uma caminhonete prateada havia estacionado do meu lado esquerdo. Antes que eu desligasse o motor, a porta do outro carro foi aberta. O rosto do homem estava enrolado em um longo cachecol e ele estava de capuz. Ele gesticulou, indicando que deveríamos ir para a porta do prédio. Quando cheguei lá, o homem já digitava um código, que pelo jeito não funcionava, porque em seguida

ele apanhou seu celular e fez uma ligação. Os minutos que permanecemos ali demoraram tanto quanto uma eleição sueca. O arquivo estava encaixotado havia dez anos e não parecia querer cooperar conosco. Finalmente uma porta de correr se abriu com um sopro de ar, deixando-nos entrar em um corredor seco, quente, com luz forte e uma infinidade de portas de aço. Comparado com o frio lá de fora, até que ali dentro estava aconchegante.

Tirando o gorro, o cachecol e o capuz, reconheci quem havia me deixado entrar: era Daniel Poohl, da revista *Expo*. Cumprimentamo-nos com um aperto de mãos e fomos andando pelo longo corredor. Subimos a escada até o primeiro andar, e, num corredor idêntico ao anterior, Daniel parou diante de uma das portas de aço. Nada mais que uma placa pequena de metal numerada indicava onde estávamos. Nada revelava que ali, justamente naquele espaço, um tesouro podia estar escondido. Um tesouro que eu esperava que me mostrasse o caminho para algo inestimável.

A porta de aço foi aberta com um estrondo e vi que aquele pequeno espaço estava cheio. Caixas de papelão se acomodavam em estantes que iam do chão ao teto, e em duas passagens estreitas havia caixas empilhadas que chegavam até a porta. Olhei para uma caixa e a etiqueta apenas confirmava que eu encontrara o que vinha procurando havia muito. Escrito à caneta, lia-se: "Arquivo Stieg".

Juntos, colocamos a caixa no chão. Daniel afastou a tampa de papelão para o lado e eu peguei um maço de pastas antigas de papel pardo. Cada uma delas estava marcada no canto superior com uma caligrafia miúda e bastante legível. Naquelas que eu segurava, lia-se “WACL”, “O de 33 anos”, “Resistência Internacional”, “Pistas da África do Sul” e “Christer Pettersson”. Meus dedos começaram a formigar, como se as pastas estivessem eletrizadas. Os títulos comprovavam que os documentos que eu tinha em mãos tratavam do assassinato do primeiro-ministro da Suécia, Olof Palme. Eu não imaginava que o material que possivelmente encontraríamos fosse tão numeroso e fiquei pensando como iria fazer para conseguir ler tudo aquilo.

Daniel me fez voltar à realidade. Apesar de ter apenas trinta e um anos, ele já era editor-chefe e diretor da *Expo*, tendo dedicado a vida ao combate ao racismo e à intolerância. O arquivo era de sua responsabilidade, e ele tinha deixado bem claras duas coisas: os documentos não deveriam sair do edifício sem sua autorização, e eu não poderia revelar a ninguém a localização do depósito.

Tive de fazer a leitura ali mesmo, mas eu não queria estar em outro lugar no mundo que não fosse no corredor daquele prédio metálico e sem janelas, sentado em uma caixa de papelão, com a tempestade de neve lá fora. O tempo era limitado e eu só conseguiria olhar uma parte do material, sem concluir nada sobre as considerações de Stieg.

Meu caminho havia sido longo e tortuoso até então. Eu tinha escapado dos meus próprios fracassos quando dedicara todo o tempo livre que possuía ao assassinato não solucionado de Olof Palme, que agora me levava até o arquivo esquecido de um dos escritores mais famosos do mundo. O arquivo me dava mais indícios a seguir. Stieg parecia acreditar na teoria de que um serviço de inteligência sul-africano havia recebido a ajuda da extrema-direita sueca. Eu achava que um amador houvesse cometido o crime. Nada fazia sentido.

Ao mesmo tempo, percebi que não conseguiria deixar a oportunidade escapar. O material do arquivo era interessante demais para ser ignorado e, na época, eu não sabia para onde ele ia me levar, que minhas investigações colocariam a mim e a outras pessoas em perigo quando encontrássemos extremistas, agentes de segurança, bodes expiatórios e assassinos.

Stieg enviara uma carta de sete páginas para Gerry Gable, editor-chefe da *Searchlight*, a maior publicação da Grã-Bretanha contra o racismo e uma fonte de inspiração para a *Expo*. A carta fora escrita menos de três semanas após o assassinato de Olof Palme. (Ver figura 1.)

Estocolmo, 20 de março de 1986

Caro Gerry e amigos,

A morte do primeiro-ministro sueco Olof Palme é, para ser sincero, um dos mais inacreditáveis e assombrosos casos de assassinato que já tive a desagradável missão de acompanhar.

Assombroso pela maneira como a história repentinamente dá voltas e reviravoltas, originando descobertas espantosas, que mudam a cada vez que nos aproximamos de um fim. Inacreditável dada a magnitude de sua influência política. Pela primeira vez na história, acredito, um chefe de Estado foi assassinado sem que ninguém tenha a menor ideia de quem cometeu o crime. E desagradável — aliás, assassinatos são sempre desagradáveis — porque a vítima é o primeiro-ministro, uma pessoa genuinamente amada e respeitada na Suécia, independentemente de se ser social-democrata ou (como eu) não.

Desde que recebi a ligação nas primeiras horas da manhã daquele sábado, 1º de março, e o meu editor me comunicou sobre o assassinato, ordenando que eu fosse de imediato para minha mesa de trabalho, minha vida tem sido um verdadeiro caos. Você pode imaginar como seria se fosse acompanhar o assassinato da sra. Thatcher, e o assassino tivesse desaparecido sem deixar nenhum vestígio. Além do choque causado pelo acontecimento, é claro. Naquelas horas matutinas do fatídico sábado, enquanto a notícia se espalhava numa Suécia ainda adormecida, encontrei pessoas que saíram espontaneamente para as ruas, exibindo o rosto pálido e abalado. Na agência de notícias vi jornalistas calejados da cobertura policial, homens e mulheres que já haviam visto muito, pararem de escrever no meio de uma frase, debruçarem-se na mesa e caírem no choro. Eu mesmo me surpreendi chorando naquela manhã, quando a sensação desesperada de déjà-vu me alcançou e me fez perceber que era a segunda vez em menos de três anos que eu perdia um primeiro-ministro. Primeiramente havia sido Maurice Bishop, em Granada, um homem que eu

amava, respeitava e em quem confiava acima das outras pessoas. Não podia estar acontecendo outra vez. Mais tarde, quando a dor diminuiu e o sr. Palme já havia sido enterrado, chegou aquele momento em que os jornalistas percebem a importância do caso, que é realmente um assassinato intrigante e uma grande história.

Às vezes a história se desenvolve no mesmo ritmo que um romance de Robert Ludlum, outras vezes se parece mais com um mistério de Agatha Christie, para depois se tornar um romance policial no estilo de Ed McBain com toques de comédia de Donald Westlake. A posição da vítima, a perspectiva política, o rosto desaparecido do assassino, as especulações, as pistas que não levam a lugar algum, as chegadas e partidas de presidentes e reis, o rastreamento de automóveis, os rumores, os loucos, aqueles que diziam “eu sabia de tudo o tempo todo”, os telefonemas, as pistas anônimas, as prisões e a sensação de que tudo está finalmente se encaixando, para não dar em nada a não ser confusão.

Certamente haverá livros sobre o assunto.

Quase sempre o assassino de um chefe de Estado é preso ou morto nos primeiros segundos ou minutos após o atentado, assim como investigações de assassinatos se resumem, geralmente, a casos abertos e encerrados, mas não este. Aqui temos um primeiro-ministro que saiu para uma caminhada noturna, acompanhado da esposa e sem nenhuma segurança nas proximidades. Temos também um assassino que desaparece sem deixar vestígios.

Na realidade, quero saber por onde se começa uma investigação com literalmente milhares de suspeitos e nem uma única pista?

Peço desculpas por este meu devaneio inicial; não era minha intenção escrever sobre tudo isso.

Voltando ao assunto, eu havia pensado em lhe escrever sobre o assassinato de Palme desde que ele

aconteceu. Comecei uns oito ou nove textos e não finalizei nenhum. Por quê? Porque, antes que eu conseguisse terminar qualquer um deles, surgia algo novo e surpreendente, fazendo com que a história tomasse novos rumos. Assim, fui obrigado a rasgar cada texto que escrevi para começar outro novamente.

Portanto, esta carta não é um artigo, e sim uma tentativa de lhe informar sobre o que é real e o que é ficção quanto ao assassinato. Depois de conviver com o crime vinte e quatro horas por dia nas últimas três semanas, é difícil para mim me distanciar do assunto, e, como parece que agora a investigação chegou a um beco sem saída, este esclarecimento é uma maneira de ordenar meus pensamentos e resumir o caso. Provavelmente, se você for escrever sobre o crime no próximo número, este resumo possa ajudar. Vou tentar trazer à luz apenas o que for relevante.

Para começar, o que houve e o que sabemos sobre o assassinato?

Passados alguns minutos das vinte e três horas do dia 28 de fevereiro, Palme saiu do Grand Cinema acompanhado da esposa e do filho mais velho. A ida ao cinema havia sido definida na sexta-feira — Palme a mencionara a um jornalista lá pelas duas da tarde daquele dia, mas os planos da família não eram conhecidos por todos. O primeiro-ministro, como de costume, havia dito aos seus seguranças que não precisaria deles naquela noite. Todos sabiam que Palme fazia caminhadas sozinho e a qualquer hora da noite, ainda mais quando estava de folga ou quando não precisava de medidas extras de segurança. Não ficou claro se a polícia tinha ou não conhecimento de seus planos para aquela noite. Do lado de fora do cinema, Palme e sua esposa deram boa-noite ao filho e decidiram voltar para casa caminhando, naquela noite clara e de frio tipicamente sueco. Passados alguns minutos, o filho olhou para trás e percebeu que um

homem seguia seus pais. Mais tarde, ele descreveria as vestimentas do homem de maneira correspondente à descrição das roupas usadas pelo assassino, cujo rosto ele não conseguira ver.

Outra testemunha avistou o primeiro-ministro dois minutos mais tarde e parou para vê-lo passar. Observou que um homem seguia o casal e também mencionou que parecia haver mais dois homens caminhando à frente do primeiro-ministro. Ele teve a impressão de que todos faziam parte de um mesmo grupo de pessoas e concluiu que os três homens eram da equipe de segurança de Palme.

O primeiro-ministro e sua esposa desceram a Avenida Sveavägen, atravessaram a rua para olhar as vitrines e continuaram andando. Na esquina da Sveavägen com a Rua Tunnelgatan, o assassino se aproximou e disparou uma bala de calibre .357 Magnum nas costas do primeiro-ministro.

Segundo a polícia, todos os indícios levam a crer que o assassinato foi executado por um profissional. Os jornalistas parecem concordar com essa teoria, ainda que com certa desconfiança.

O assassino fez apenas um disparo, mas a arma é uma das mais potentes do mundo e todos que entendem do assunto sabem o efeito devastador que apenas uma bala pode provocar. Foi comprovado que o projétil perfurou as costas do primeiro-ministro, rompendo sua espinha dorsal, danificando os pulmões, arrebatando o esôfago e abrindo um buraco do tamanho de um chapéu. A morte foi instantânea ou ocorreu em questão de segundos. A bala, embora não tivesse sido pensada para se desintegrar, girou sobre si mesma; havia sido blindada para poder atravessar inclusive um colete à prova de balas.

O assassino disparou um segundo tiro contra Lisbeth, a esposa de Olof Palme, mas sem a intenção de matá-la. O tiro a teria atingido em cheio no ombro, se

ela não tivesse se virado para o lado rapidamente, e então penetrou um dos ombros do seu casaco, saindo pelo outro, resultando em queimaduras leves. Com base nesses fatos, podemos especular sobre o profissionalismo do assassino; alguns dizem que a intenção dele era matar sim, mas, por se tratar de um amador, havia ficado nervoso e errado feio. Outros acham que o tiro disparado foi uma amostra de que o assassino era profissional e que a segunda bala seria apenas para assustar e impedir que Lisbeth fosse atrás dele.

Depois do crime, o suspeito deixou o local pelo que parece ser uma “rota de fuga bem planejada”, subindo as escadarias no final da Tunnelgatan, impossibilitando que ele fosse perseguido por automóveis. [Ver figura 2.] O que relatei até aqui são fatos que estão em completa conexão com a versão oficial da polícia, mas agora vamos falar dos problemas que foram surgindo ao longo das investigações.

Várias testemunhas descreveram o assassino de forma bastante vaga e contraditória, e a descrição mais comum, portanto aceita como a mais correta, é de um homem branco, de 30 a 40 anos, altura mediana e ombros largos. Usava um gorro cinza, parecido com o do personagem Andy Capp, com protetores sobre as orelhas, vestia um casaco escuro até a altura dos quadris e calças escuras. Várias testemunhas afirmaram que ele carregava uma espécie de carteira presa ao pulso, daquelas feitas para guardar dinheiro e passaporte.

Estas observações podem ser confirmadas pelos diversos testemunhos:

1. Lars, um homem na casa dos 25 anos, viu o assassino no final da Tunnelgatan, mas não foi visto, pois cada um passou por um lado do tapume de obras. Lars hesitou por alguns segundos, menos de um minuto,

e em seguida decidiu perseguir o assassino a pé. Até aquele momento ele desconhecia que a vítima era o primeiro-ministro. Lars correu pelo mesmo caminho que o assassino, subindo os oitenta e seis degraus das escadarias, mas, assim que chegou ao topo, notou que o assassino havia desaparecido sem deixar vestígios. Instintivamente Lars seguiu para a Rua David Bagares, onde, depois de um quarteirão, encontrou...

2. Um casal que vinha andando em sua direção. Ele perguntou se eles tinham visto um homem passar correndo, e o casal confirmou ter visto um homem meio minuto antes e que ele continuara a descer a rua. Lars ficou perplexo, como contou mais tarde, pois não entendia por que não conseguira mais avistar o assassino, já que este não estava tão à sua frente.

3. Uma quarta testemunha, que não fora mencionada pelo nome, mas ficou conhecida como "Sara", apareceu na manhã seguinte com novas informações. Sara, 22 anos, artista plástica especializada em retratos, vinha andando ao longo do beco Smala Gränd, vizinho à Rua David Bagares, na hora do crime. Depois de percorrer metade da ruela, passou por um homem que, de acordo com as descrições feitas pelas outras testemunhas, devia ser o assassino. O homem parecia ter pressa, mas hesitou por alguns segundos quando passou por ela. Sara só ficou sabendo do crime mais tarde, quando chegou em casa e ligou o rádio. Imediatamente estabeleceu a conexão com o homem que vira e decidiu fazer um retrato dele. Esse desenho mais adiante serviu de base para o retrato falado que a polícia fez do assassino.

Essas quatro testemunhas, escolhidas entre mais de dez mil pistas e declarações colhidas, foram consideradas as mais fiéis e incontestáveis no caso.

4. Uma quinta testemunha, que não foi considerada muito confiável, era um motorista de táxi que aguardava em seu carro junto à Rua Snickarbacken quando viu um homem passar correndo e entrar em um Passat verde ou azul-escuro, que o esperava. O carro saiu dali rapidamente. A Snickarbacken fica junto ao beco Smala Gränd, e é possível que as declarações do motorista de táxi tenham alguma relação com a fuga do assassino, mas há muitas dúvidas sobre o caso. O motorista disse que presenciara o fato dez ou quinze minutos depois do crime, mas para percorrer o caminho correndo, como o assassino fizera, não levava mais do que três ou quatro minutos. O motorista de táxi também mencionou erroneamente o nome da rua vizinha à Snickarbacken, chamando o beco Smala Gränd por outro nome. Apesar de tudo, as evidências sugerem que o assassino de fato passou pelo motorista de táxi, e a polícia acha que este pode ter cochilado e por essa razão fornecido o horário errado. (De qualquer forma, seu testemunho resultou numa grande busca pelo país por um Passat verde ou azul-escuro, tendo em vista que ele também conseguira citar parte da numeração da placa do veículo em questão.)

Esse conjunto de evidências levou a polícia a desenvolver a teoria de que o crime havia sido uma execução muito bem planejada e premeditada, realizada por um grupo de pessoas. No entanto, ela não declarou oficialmente de que tipo de grupo ou de pessoas se tratava.

Uma primeira pergunta crítica: O que teria acontecido se o primeiro-ministro não tivesse ido a pé para casa, mas, em vez disso, tivesse resolvido acompanhar seu filho ao metrô e nunca passasse pelo local escolhido para sua execução?

Se este foi realmente um crime bem planejado, o assassino teria sido obrigado a cancelar seus planos,

ou, pelo menos, a ter mais carros de fuga e/ou mais cúmplices à sua disposição.

Como já foi dito, há testemunhas cujas declarações cabem perfeitamente na última hipótese. (Note que tanto a polícia quanto os jornalistas questionaram bastante essas testemunhas, fazendo com que elas parecessem confiáveis.)

1. Um homem que passava pela Tunnelgatan na hora do assassinato, porém na direção contrária da Sveavägen, viu dois homens correndo do local do crime.

2. Mais duas testemunhas confirmam essa declaração, pois viram dois homens se dirigirem para a Rua Drottninggatan e depois se separarem.

3. Uma quarta testemunha contou que viu um homem vir correndo ao longo da Drottninggatan, um ou dois minutos mais tarde. O homem parou de repente e acenou para um carro que chegou para apanhá-lo, antes de “saírem dali apressadamente”.

Mais ou menos nesse ponto as investigações pararam. É claro que havia inúmeras insinuações e relatórios, mas nada que tivesse relação direta com o crime. Chegou-se a um beco sem saída, um ponto-final. Grande parte dos fatos acima foi comprovada durante os primeiros dias após o assassinato, além de ter sido cuidadosamente cronometrada. Mais tarde veio uma fase de confissões feitas por pessoas excêntricas e outros tantos que assumiam a culpa dizendo “fui eu que fiz isso”, além de todos os telefonemas anônimos.

Quando há atos terroristas cometidos pela “esquerda”, as organizações responsáveis costumam, de maneira convincente, assumir a culpa após algumas horas, mas nesse caso não houve nada do gênero. Entre os grupos que tentaram reconhecer a culpa, há de tudo, desde o Comando Christian Klar,* Holger Meins,** a organização fascista croata Ustase e diversos grupos

de extrema-direita, além de gangues nazistas. Nenhum deles pode ser levado a sério.

Após o crime, durante muitos dias a Suécia passou a ser um país sitiado, com aeroportos fechados, fronteiras controladas com rigidez, barcos e portos revistados nos mínimos detalhes. (Mas nenhum desses recursos teve resultado satisfatório, pois um crime bem planejado é concluído com uma fuga igualmente bem planejada.)

Passados três dias do assassinato, um homem foi levado para ser interrogado pela polícia, suspeito de envolvimento no crime. Era um sujeito da extrema-direita conhecido por andar armado e com um álibi duvidoso, mas depois de dois dias foi solto e a polícia anunciou que ele não tinha nada a ver com o crime.

Dez dias após o assassinato, outro homem foi preso acusado de ter participado do atentado. Ele foi identificado como Victor Gunnarsson, de 32 anos, membro do Partido Trabalhista Europeu (EAP). As suspeitas sobre ele se sustentaram por quase vinte e quatro horas, particularmente quando a polícia tornou pública a declaração de que havia encontrado o assassino. (Inclusive era dessa maneira que a polícia se referia a ele agora, não mais como suspeito.) Victor tinha muitos argumentos contra si.

- Obviamente ele é um extremista de direita desequilibrado, e sua obsessão pelo primeiro-ministro já havia sido documentada. Diversas vezes ele dissera que “o primeiro-ministro merecia levar um tiro”, além de ter perseguido Palme durante comícios públicos e manifestações.

- Ele estava nos arredores antes do crime. Fontes afirmaram que ele estivera no mesmo cinema que o primeiro-ministro.

- Ele não conseguiu explicar onde estivera e parece ter mentido para a polícia em diversos pontos durante o interrogatório.

- Ele possui um gorro cinza e um casaco parecido com o do assassino.

- Como havia trabalhado em várias empresas de segurança particulares, recebeu treinamento em tiro e aprendeu a lidar com um revólver.

- Uma testemunha o identificou como o homem que tentara fazer um carro parar para apanhá-lo imediatamente após o crime, em uma rua que dá acesso à Tunnelgatan.

- Ele foi visto entrando em um cinema dez ou doze minutos após o tiro, mas depois de meia hora que o filme havia começado.

- Ele é conhecido por ter ligação com um grupo religioso e antissemita de extrema-direita ainda não identificado, com sede na Califórnia, onde havia morado por algum tempo.

Durante vinte e quatro horas todo o interesse da nação se voltou para o EAP; eu mesmo escrevi vários artigos sobre o assunto e parecia que o caso estava prestes a ser esclarecido. Mais tarde, poucas horas depois da audiência de custódia, Gunnarsson foi libertado. Qual seria o motivo? Bom, de repente, a testemunha que dissera que ele havia tentado pegar carona em um carro depois do crime não conseguia mais identificá-lo com certeza. A polícia foi obrigada a cancelar sua coletiva de imprensa, pois não havia mais nenhuma novidade a ser divulgada. Chegou-se a um beco sem saída.

Uma reflexão: é muito provável que Gunnarsson seja preso novamente. O promotor diz não ter provas contra ele, mas ele continua sendo uma pessoa suspeita de envolvimento no caso. É isso o que podemos dizer até aqui. É claro que eu poderia seguir escrevendo sobre

as diversas especulações por mais umas duzentas páginas (como já comentei anteriormente, muitos livros serão escritos sobre o assunto; talvez eu mesmo também devesse fazê-lo), mas não há muito mais que seja substancial. Temos um primeiro-ministro morto e um assassino que desapareceu sem deixar vestígios.

Entre as especulações, há a possibilidade de que interesses sul-africanos estejam envolvidos no assassinato. A Comissão Palme, na qual o próprio Palme exercia um papel importante, havia iniciado uma campanha direcionada contra negociantes de armas que faziam transações com o regime do apartheid.

Entre as suposições, aparece também o Partido dos Trabalhadores do Curdistão, que levou a cabo pelo menos três assassinatos políticos na Suécia durante os últimos dois anos. Até o momento todas as mortes foram de "traidores" dentro da própria organização, mas uma opinião popular (e bastante racista) diz que eles são os culpados. Por quê? Porque o escritório deles em Estocolmo fica exatamente nas proximidades da Rua David Bagares, onde o assassino sumiu sem deixar rastros. (Entretanto essa teoria levanta a questão de o assassino ser tão imbecil a ponto de correr e se esconder na própria sede da organização, a dois minutos do local do crime.)

De qualquer forma, temos aqui o pano de fundo. Se algo novo acontecer, posso te ligar, caso você queira um relatório. Além disso, sinta-se à vontade para utilizar toda a informação aqui contida como material.

Incluo também uma fotografia de Gunnarsson, mas lembre-se: o advogado dele pretende processar os jornais estrangeiros que a publicarem (sou um dos poucos jornalistas que conseguiram obter uma foto dele, o que causou um furo na mídia europeia, antes de ele ser solto).

Um abraço, cuide-se,
Stieg

A handwritten signature in black ink, consisting of a large, stylized initial 'S' followed by a horizontal line that tapers to the right.

Notas

* Grupo de extrema-esquerda alemão, fração do Exército Vermelho (RAF). (N. da T.)

** A RAF também é conhecida como Grupo Baader-Meinhof. (N. da T.)

PARTE 1

Stieg

O dia do assassinato

ESTOCOLMO,
28 DE FEVEREIRO DE 1986

Aquele era o dia em que o primeiro-ministro da Suécia iria morrer e Stieg chegava atrasado ao trabalho, como de costume, com um cigarro entre os dedos. Decidiu subir as escadas, pois chegaria meio minuto antes do novo elevador, que era de uma lentidão inexplicável. Escadas não o incomodavam, mesmo que tivesse que subir até o topo do prédio. O cigarro aceso entre os dedos o impedia de respirar plenamente, mas ele tinha apenas trinta e um anos e era cheio de energia. Na mão esquerda trazia sua pasta surrada, quase vazia, contendo só uma folha de papel. Ele corria um pouco, impulsionado por uma mistura de cafeína e nicotina.

A TT era a agência de notícias mais influente da Suécia e, havia cerca de um ano, se mudara para os locais recém-restaurados da antiga Cervejaria St. Erik, com sede na Praça Kungsholms Torg. O nível dos funcionários e a tecnologia da agência estavam à altura da Rádio Suécia ou do jornal *Dagens Nyheter*. A redação ocupava todo o sexto andar do prédio e, assim como qualquer visitante, Stieg era obrigado